

Marcelina cercada de contraste

São poucos os que quase diariamente recebem os cumprimentos do presidente e da primeira dama do País. Menos ainda, aqueles que todos os dias almoçam no Palácio da Alvorada, residência oficial do casal. E talvez uma única pessoa viva essa situação e more numa das regiões mais pobres do Distrito Federal, dividindo um barraco de dois cômodos com dez filhos que — muito diferente do cardápio do Palácio da Alvorada — comem apenas e tão-somente arroz e feijão de segunda a domingo.

Essa pessoa mora na área de expansão da Ceilândia e tem 35 mil vizinhos que não vêem nem cumprimentam o presidente Sarney e dona Marly mas têm uma vida muito parecida com a sua. É dona Marcelina Cerqueira Santana, uma viúva de 40 anos. Ela acha o presidente "boa pessoa, muito educado". Da comida do Palácio, apesar de elogiar à qualidade, diz que "aquilo não me sustenta, porque só deixo arroz e feijão para meus filhos".

Há sete anos, completados

dia 19 de agosto último, dona Marcelina limpa os jardins do Alvorada, como funcionária da Novacap. Ganha um salário mínimo, além de Cz\$ 200,00 que um filho, único dos dez que trabalha, dá de contribuição para a renda familiar. E tudo que tem para garantir a sobrevivência da família. "Agora mesmo meu filho saiu para a escola chorando, porque não tem caderno nem lápis para estudar. O plano cruzado congelou os salários, mas os preços não".

— A senhora já conversou com o presidente, dona Marcelina?

— Não, mas ele sempre cumprimenta. Dá bom-dia... boatarde... Ele e a dona Marly.

— A senhora acha que o governo dele é bom?

— Para mim, até hoje... (pausa)... tem sido bom.

— Se ele pedisse para votar em alguém, a senhora votaria?

— Ai eu não sei...

Dona Marcelina ainda não sabe em quem vai votar. Disse que não escolheu nem o partido. Seu barraco está cheio de propaganda dos candidatos do

PMDB Pompeu de Souza (Senado) e José Oscar (Câmara), um dos cartazes com o slogan "A luta democrática não vai parar". Segundo dona Marcelina, "eles pregaram num dia que eu estava fora de casa". E assegura que os três filhos eleitores, de 23, 21 e 19 anos, vão seguir seu voto.

No terreiro em frente ao barraco, onde as crianças brincam, a água da chuva se mistura com a que escorre da fossa. O banheiro, no meio da rua, é um barraco cercado de tábuas até uma altura de 1,5 metros. "As meninas reclamam, vivem pedindo para construir um banheiro dentro de casa, porque às vezes o pessoal passa e vê elas se banhando".

Dos dez filhos de dona Marcelina, ela conta que quatro estão doentes. Por isso não foi trabalhar. A noite, diz que não consegue dormir. "Deus me livre chegar a qualquer hora um mal elemento aqui. O barraco não agüenta nada. Escoro a porta com os móveis, mas assim mesmo às vezes passo noites em claro. A polícia quase nunca aparece".

INSEGURANÇA

Aliás, o primeiro problema da Ceilândia em ordem de importância para os moradores é "falta de policiamento". O segundo, "segurança". Depende de como queira se expressar o entrevistado. Se o cidadão em questão for o administrador regional Ilton Mendes, ele dirá que esse é um problema nacional, não de Ceilândia especificamente. Acrescentará que o secretário de Segurança Pública do Distrito Federal, coronel Olavo de Castro, tem estatísticas que revelam terem maiores índices de criminalidade as Asas Sul e Norte do Plano Piloto, só depois vindo a Ceilândia.

Outro habitante daquela cidade-satélite, o subgerente da loja dos Supermercados MG do Setor O, Genival Francisco da Costa, afirma que no centro da cidade não existe esse tipo de problema. "Só nas quadras mais afastadas, onde não tem polícia nem iluminação". Confessa, contudo, que no ano passado um de seus filhos teve que entregar o tênis, na porta da escola, a assaltantes armados de faca.

É um vizinho da dona Marcelina, Pedro Nunes de Araújo,

que trabalha como vigia de bloco no Plano Piloto, diz que "tem muito malandro abrindo as casas para roubar". Mas não é preciso ouvir as pessoas para constatar o medo que domina os moradores de Ceilândia. As casas têm grades altas, de dois metros, às vezes, mais. Numa delas, com o sugestivo sobrenome Furtado Chaves, dona Luzaira conta que a "galola" (sua casa parece uma galola, de tantas grades) ajuda e ela nunca foi incomodada, mas previne: "Se andar fora de hora, já sabe, né?".

SOLUÇÕES

O problema de segurança da Ceilândia é como a questão habitacional do Distrito F Federal, deve ser tratada depois das eleições, para que a solução adotada "não seja vista como eleitoreira". Mas Ilton Mendes, peemedebista e mineiro, como o governador José Aparecido, já sabe o que fazer e tomou as primeiras providências. "Estamos trazendo para cá uma unidade da cavalaria e um quartel da PM", revela, assegurando que o efetivo policial militar, hoje em torno de 150 homens, seria duplicado.

De qualquer forma, embora considere o problema como nacional, além de comum às cidades grandes, Mendes entende que o governo precisa investir mais no setor. Mesmo porque, adianta, "difícilmente a população vai ver isso aí como um problema menor". De fato. E ele, que mora na Ceilândia desde o dia da instalação do primeiro barraco, em 27 de março de 1971, sabe o que diz.

Está ciente, também, de que os problemas da Ceilândia não se esgotam na falta de policiamento, de segurança. O único hospital da cidade, por exemplo, tem 180 leitos para 500 mil pessoas. Essa população também não tem divertimento. Há apenas dois cinemas, um dos quais funcionando só nos fins de semana. Clubes? Só o Ceilândia, com uma piscina para adultos e outra para crianças. Transportes? Precários. Muito aquém das necessidades.

Mais de 60 por cento da força de trabalho ativa estão empregados no Plano Piloto ou em Taguatinga. Nenhuma rua das 68 quadras é asfaltada — só as pistas e algumas entrequadras.



Pedro Nunes: muito malandro arromba casas para roubar



Genival: os tênis dos filhos foram levados por assaltantes